

DISCURSOS POLÍTICOS DE HELENA ANTIPOFF SOBRE MENORES DESAMPARADOS E EDUCAÇÃO PROFISSIONAL

RODRIGUES, Carla Fonseca de Moraes¹
GONÇALVES, Irlen Antônio²

Resumo

O texto aqui apresentado é fruto de uma pesquisa de mestrado em andamento cuja finalidade é conhecer as concepções e os efeitos de sentido de Educação Profissional para os menores desamparados nos discursos políticos de Helena Antipoff. O recorte histórico estabelecido é a década de 1930, período em que ela protagonizou a criação de várias instituições educacionais e mobilizou recursos por meio de palestras, conferências, artigos, seminários e relatórios. Os discursos políticos produzidos se definem como o corpus de análise da problemática da pesquisa e se encontram reunidos em uma Coletânea produzida pelo Centro de Documentação e Pesquisa Helena Antipoff – CDPHA no centenário do nascimento da psicóloga em 1992. O conceito de Cultura Política, entrecruzado com a Análise do Discurso franco-brasileira, é a fundamentação teórica-metodológica que orienta a pesquisa e o artigo aqui apresentado. Para isso, foram selecionados os textos de duas palestras, uma proferida no ano de 1932 no lançamento de uma instituição educativa para menores que vendiam jornais nas ruas da capital mineira; outra foi proferida em 1934, em uma reunião promovida pela Sociedade Pestalozzi e a Associação Auxiliar do Escotismo, com o intuito de apresentar um diagnóstico da situação dos menores da capital mineira e possíveis meios de ampará-los e educá-los. Como resultado de nossas análises, vimos que os discursos de Helena Antipoff indicaram a presença de formações discursivas características do higienismo e do movimento da Escola Nova na busca de uma educação para promover o governo de si e uma cidadania útil à pátria, além do resgate dos menores abandonados por meio do trabalho.

Palavras-chave: Helena Antipoff; Educação Profissional; Menores Desamparados; Análise do Discurso; Higienismo.

1. Introdução

O artigo aqui apresentado busca levantar os efeitos de sentido da Educação Profissional para menores desamparados da capital mineira na década de 1930 e identificar as formações discursivas presentes nos discursos políticos de Helena Antipoff. As fontes históricas selecionadas são dois textos de duas palestras proferidas por Helena Antipoff nos anos de 1932 e 1934. Esses fazem parte de uma Coletânea produzida pelo Centro de Documentação e Pesquisa Helena Antipoff – CDPHA no centenário do nascimento da psicóloga em 1992³. Na

¹ Mestranda em Educação Tecnológica pelo Centro Federal de Educação Tecnológica (CEFET-MG) na linha de pesquisa História e Historiografia da Educação Profissional. Graduada em História com especialização em Gestão Educacional. E-mail: carlafonseca1960@gmail.com

² Doutor em Educação, Professor do Programa de Pós-Graduação em Educação Tecnológica do Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais (CEFET-MG), graduado em Pedagogia. E-mail irlen@terra.com.br

³ CDPH (Org.) **Coletâneas de obras escritas de Helena Antipoff – Fundamentos da Educação**. Belo Horizonte: Imprensa Oficial de Minas Gerais, 1932- 1992

busca de rastrear os efeitos de sentido de menores desamparados e Educação Profissional nos discursos que emergem das fontes selecionadas, usamos como aporte teórico a Análise do Discurso franco-brasileira: Charaudeau (2018), Orlandi (2009) e Brandão (2004). Como a dimensão do nosso estudo é o campo político, o conceito de Cultura Política de Berstein (1998) é fundamental para situarmos a dimensão da atuação política de Helena Antipoff no recorte temporal e espacial estabelecido.

Assim, para atender ao objetivo aqui proposto, buscamos primeiramente identificar características constituintes da identidade de Helena Antipoff como sujeito político à luz de Charaudeau (2018) e levantar as condições de produção de seus discursos no início da década de 1930. Logo após, selecionamos alguns excertos das fontes para compreendermos a estrutura dos argumentos, os efeitos de sentido de menores desamparados e Educação Profissional e as formações discursivas presentes que configuram os discursos de Helena Antipoff.

2. A dimensão política da atuação de Helena Antipoff

Em primeiro lugar, começamos com a seguinte pergunta: o que torna o discurso de Helena Antipoff, um discurso político? O ponto de partida para a identificação do discurso político é o entendimento da sua procedência, do lugar de onde foi proferido, por quem foi proferido e para quem (GONÇALVES, 2020). Nossa referência para compreensão da dimensão política dos discursos de Helena Antipoff está nas fontes analisadas. As fontes englobam textos de palestras que apresentam como objetivo alcançar o poder público e a sociedade civil na busca de angariar recursos para seu projeto de educação. E a palavra política? Como podemos defini-la? É aquela que “na medida em que ela se inscreve em uma prática social, circula em certo espaço público e tem qualquer coisa que ver com as relações de poder que se instauram” (CHARAUDEAU, 2018, p.16). Sendo o campo político marcado por relações de poder, sujeitos e suas representações perante um espaço público, cabem as seguintes perguntas: o que levam os sujeitos políticos a agirem de uma maneira e não de outra? Quais fatores possibilitam a adoção de uma diretriz ideológica frente a outras? E como as intenções, as diretrizes ideológicas, as representações sociais e os objetivos das ações políticas encontram na palavra política, ou seja, nos discursos, um caminho para que a política realmente aconteça? Na busca de respostas para tais indagações, o solo que embasa nosso estudo é o conceito de Cultura Política, que segundo Serge Berstein (1998):

Ela é apenas um dos elementos da cultura de uma dada sociedade, o que diz respeito aos fenômenos políticos. Mas, ao mesmo tempo, revela um dos interesses mais importantes da história cultural, o de compreender as motivações dos atos dos homens num momento da sua história, por referência



Seminário

Educação e Formação Humana: desafios do tempo presente | III Simpósio Educação, Formação e Trabalho

ao sistema de valores, de normas, de crenças que partilham em função da sua leitura do passado, das suas aspirações para o futuro, das suas representações da sociedade, do lugar que nele têm e da imagem que têm da felicidade. Todos os elementos respeitantes ao ser profundo, que variam em função da sociedade em que são elaborados e que permitem perceber melhor as razões de atos políticos que surgem, pelo contrário, como epifenômenos. (BERSTEIN, 1998, p.363)

A dimensão política é dinâmica e complexa. Uma possível forma de compreender aspectos dessa dimensão está na busca de explicar os comportamentos políticos “por uma fracção do património cultural adquirido por um indivíduo durante sua existência” (BERSTEIN, 1998, p.359). Tal esforço se embasa na relação inseparável do sujeito com o coletivo, já que sua identidade se constitui no movimento com outro. Consideramos que a Análise do Discurso é uma das formas de acessar uma dimensão tal complexa, pois é com “estudo do discurso que observa-se o homem falando” (ORLANDI, 2009, p.15.), ou seja, o discurso é a palavra em movimento. Um discurso há sempre outras vozes e o sujeito organiza seu discurso em relação aos discursos do outro. Segundo Brandão (2004, p.59), “outro que envolve não só o seu destinatário para quem planeja, ajusta a sua fala (nível intradiscursivo), mas que também envolve outros discursos historicamente já constituídos e que emergem na sua fala (nível interdiscursivo)”.

A constituição da identidade do sujeito político pode ser compreendida pela identificação de alguns critérios de validação como legitimidade, credibilidade e autoridade. Segundo Charaudeau (2018, p.65), “é na identidade social do sujeito político que se projeta sua legitimidade”. A questão da legitimidade ganha sua importância, pois “é a que dá a toda instância de palavra uma autoridade de dizer” (CHARAUDEAU, 2018, p.65). Já a credibilidade é apresentada como a “capacidade do sujeito de dizer ou de fazer” (CHARAUDEAU, 2018, p.67). Sendo assim, é importante ressaltar que no campo político, “o mecanismo pelo qual se é legitimado é o reconhecimento de um sujeito por outros sujeitos, realizado em nome de um valor que é aceito por todos” (CHARAUDEAU, 2018, p.65). Charaudeau mostra a relação do conceito de legitimidade com o conceito de autoridade. Segundo o autor, a autoridade “coloca o sujeito em uma posição que lhe permite obter dos outros um comportamento (fazer, fazer) ou concepções (fazer pensar e fazer dizer) que eles não teriam sem sua intervenção” (CHARAUDEAU, 2018, p.68).

As questões de legitimidade, credibilidade e autoridade possibilitaram a constituição da identidade de Helena Antipoff como sujeito político. Destacamos aqui a questão de legitimidade por formação, que Charaudeau (2018) define pela passagem por instituições



Seminário

Educação e Formação Humana: desafios do tempo presente | III Simpósio Educação, Formação e Trabalho

formativas de prestígio e experiência com cargos de responsabilidade prestigiosos. “Trata-se aqui de ser “bem-formado”, pois competência e experiência dariam ao sujeito um poder de agir com discernimento” (CHARAUDEAU, 2018, p.72). Vale recapitular a vinda de Helena Antipoff para o Brasil em 1929. A educadora e psicóloga russa, chegou ao Brasil, por meio de um convite do governo mineiro para trabalhar na Escola de Aperfeiçoamento de Professores. A instituição recém criada, foi um dos pilares da Reforma Francisco Campos e Mário Casasanta em Minas Gerais em 1927. Segundo Campos (2010), “à Escola de Aperfeiçoamento caberia a formação de profissionais para orientar e avaliar a implantação da reforma nas escolas” (CAMPOS, 2010, p.41). Helena Antipoff, além de lecionar disciplinas na instituição, foi responsável por montar e dirigir o Laboratório de Psicologia Experimental, que segundo o regulamento da escola, serviria para pesquisas que contribuíssem para bons hábitos de trabalho nas escolas mineiras (CAMPOS, 2010, p.42-43).

Sua formação e experiência profissional na Europa, principalmente com o renomado psicólogo Edouard Claparède, fundador do Instituto Jean Jacques Rousseau e da Liga Internacional pela Educação Nova, garantiu a Helena Antipoff o status de legitimidade, credibilidade e autoridade para liderar frentes da Reforma Educacional. Segundo Campos (2010), no final da década de 1920, o Instituto Jean Jacques Rousseau “atraia educadores de todo mundo. A obra de Claparède havia sido traduzida em vários idiomas e Genebra era amplamente reconhecida como um centro de estudos sobre a psicologia da criança e os métodos da Escola Ativa” (CAMPOS, 2010, p.36). As várias reformas educacionais que ocorreram pelo Brasil na década de 1920, tiveram entre seus líderes defensores do Movimento Escola Nova. Os adeptos desse movimento “defendiam uma escola que expandisse o ensino público. Ao mesmo tempo, o movimento procurava impor um padrão cultural comum e moderno à população brasileira, civilizando-a” (BORGES, 2014, p. 65).

Para os defensores da Escola Nova, inclusive o Secretário do Interior de Minas Gerais, Francisco Campos⁴, a psicologia seria uma das premissas que trariam o progresso para o sistema educacional mineiro. Por meio dela, a legitimação científica em um contexto marcado pelo movimento higienista⁵, serviria como base para organizar uma escola que atenderia a sociedade

⁴ Ver: PEIXOTO, A. C. **A Reforma Educacional Francisco Campos: Minas Gerais – Governo Presidente Antônio Carlos**. 1981. Dissertação (Mestrado em Educação). Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1981. p.115-116.

⁵ Reis (1994) exemplifica a relação entre higienismo, psicologia e educação nas atividades da Liga Brasileira de Higiene Mental (LBHM), fundada no Rio de Janeiro em 1923. Segundo ele, um dos principais objetivos da instituição era intervir na escola com aplicação de testes psicológicos e promoção do ensino de psicologia nas escolas normais.



Seminário

Educação e Formação Humana: desafios do tempo presente | III Simpósio Educação, Formação e Trabalho

em plena transformação. É importante destacar que as décadas de 1920 e 1930 foram marcadas por várias mudanças sociais advindas da industrialização/urbanização. Tomando como referência a cidade de Belo Horizonte, na época, como recém-criada capital mineira e recorte espacial do estudo apresentado, Veiga e Faria Filho (1999) apresentam os seguintes dados:

A cidade de Belo Horizonte durante a década de 30 mudou: a população de 55.563 habitantes em 1920, salta para 211.377 em 1940, movimento que acompanha o surgimento e crescimento de vilas operárias e de novos bairros, destacando-se a criação, em 1936, da área industrial do Barro Preto. O adensamento populacional e a criação de novos espaços econômicos e industriais promoveram a diversificação dos problemas sociais que passaram a exigir ações adequadas às novas necessidades. (VEIGA e FÁRIA FILHO, 1999, p.111).

Ao atuar na Escola de Aperfeiçoamento de Professores e realizar pesquisas com os estudantes das escolas públicas da capital mineira, Helena Antipoff se deparou com os desdobramentos sociais do crescimento populacional. Entre os desdobramentos, o aumento de menores desamparados nas ruas da capital mineira era um problema latente. Silva (2007), destaca em sua tese *“Por uma história sócio cultural do abandono e da delinquência de menores em Belo Horizonte 1921-1941”* a existência nas ruas da capital mineira de “inúmeros meninos engraxates, vendedores de jornais, loterias e objetos diversos, pequenos operários do comércio, etc.” (SILVA, 2007, p.63). A permanência dos menores nas ruas “era vista como um caminho trilhado em direção à delinquência” (SILVA, 2007, p.63). Veiga e Faria Filho (1999) ressaltam que no Brasil, a partir do século XIX, “o aumento de tipos de marginalidade também provoca o crescimento do transtorno causado por aqueles que não possuem propriedade e espaços privados delimitados e fazem da rua o seu local de sobrevivência” (VEIGA e FÁRIA FILHO, 1999, p.33). Tamanho problema social representava perigos à vida social e a propriedade privada. Sendo assim, Estado e entidades civis buscaram criar instituições regeneradoras com embasamento biológico-científico. Veiga e Faria Filho ressaltam o papel dos higienistas na condução de várias iniciativas:

Na perspectiva higienista, houve intensa propaganda em torno da necessidade de desobstrução de barreiras de toda a natureza, no sentido de dar vazão a novos procedimentos, atitudes e valores necessários à população. Como o ar que deve circular nos espaços físicos, uma nova moralidade precisa penetrar no corpo e na mente das pessoas. Nesse discurso costumeiro das elites intelectuais, a criança será o alvo central entendida como base da estrutura social. Diferentes serão as ações conformadoras de sua inserção civilizadas na sociedade. Destacam-se, significativamente, aquelas relacionadas ao trabalho como meio de regeneração social. (VEIGA e FÁRIA FILHO, 1999, p.38)

Mediante tal cenário, Helena Antipoff protagonizou a criação de várias instituições

educacionais. Entre elas a Sociedade Pestalozzi de Minas Gerais em 1932, a Associação de Assistência do Pequeno Jornaleiro em 1934 e o Complexo Educacional da Fazenda do Rosário em 1940 (RAFANTE; LOPES, 2012 p.32). Por meio de palestras, conferências, artigos, seminários e relatórios percebemos o apelo da educadora por locais e políticas educacionais que valorizassem a Educação Profissional e atendessem os menores desamparados. A dimensão política da atuação de Helena Antipoff ganha vida nos seus discursos nas presentes condições de produção. Contudo, destacamos aqui sua atuação como instância cidadã, já que a configuração da ação política sempre se sustenta no movimento entre as partes envolvidas, que segundo Charaudeau (2018) podemos denominar de instâncias. O autor adverte que “não são as pessoas de carne e osso, mas entidades humanas, cada qual sendo o lugar de uma intencionalidade, e categorizadas em função dos papéis que lhe são destinados” (CHARAUDEAU, 2018, p.55). A posição ocupada no dispositivo de interação da ação política é importante na análise do discurso político. As instâncias são: a instância política, a instância adversária e a instância cidadã. Ressaltaremos aqui a instância cidadã na constituição da identidade política de Helena Antipoff, pois as fontes históricas analisadas são textos publicados de duas palestras proferidas por ela como representante de instituições de caráter civil. A instância cidadã dedica-se essencialmente a interpelar o poder governante. “Ela produz discursos de reivindicação, quando se trata de protestar contra determinadas medidas (ou omissões) políticas; de interpelação, quando se trata de exigir explicações ou atos; e também de sanção, quando se trata de eleger ou reeleger representantes do povo” (CHARAUDEAU, 2018, p.59).

3. As formações discursivas e os efeitos de sentido de menores desamparados e Educação Profissional nos discursos de Helena Antipoff

Para a análise do discurso, foram selecionados dois textos que correspondem a duas palestras proferidas por Helena Antipoff. Uma palestra intitulada como “*Amparo ao pequeno jornaleiro*”⁶, proferida no ano de 1932 no lançamento de uma instituição educativa (denominada Pavilhão de Natal) para os menores que vendiam jornais nas ruas da capital mineira. O outro texto denominado de “*Assistência aos menores desamparados, trabalhadores de rua*”⁷, corresponde a uma palestra proferida no ano de 1934 em uma reunião da Sociedade

⁶ANTIPOFF, H. (1932) Amparo ao pequeno jornaleiro. In: CDPHA – Centro de Documentação Helena Antipoff (org.) **Coletânea de obras escritas de Helena Antipoff, Volume 2: Fundamentos da Educação**. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1992a, p.29-37.

⁷ANTIPOFF, H. (1934). Assistência aos menores desamparados, trabalhadores da rua”. In: CDPHA – Centro de Documentação Helena Antipoff (org.) **Coletânea de obras escritas de Helena Antipoff, Volume 2: Fundamentos da Educação**. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1992b, p.147-154.



Seminário

Educação e Formação Humana: desafios do tempo presente | III Simpósio Educação, Formação e Trabalho

Pestalozzi e Associação Auxiliar do Escotismo com o intuito de apresentar um diagnóstico da situação dos menores da capital mineira e possíveis meios de ampará-los e educá-los.

Na busca de analisar os discursos presentes nas fontes históricas citadas, buscamos identificar as vozes que interpelam esses discursos e as formações discursivas, que segundo Orlandi (2009, p.43), “se define como aquilo que numa posição ideológica dada – ou seja, a partir de uma posição dada em uma conjuntura sócio-histórica dada – determina o que pode e deve ser dito”. As formações discursivas são as configurações possíveis que marcam o momento histórico analisado e que permitem identificar grupos envolvidos, representações e ideologias que sustentam as ações desses grupos. Ressaltando que um grupo sempre é formado pelo compartilhamento de valores e crenças e tais elementos devem estar presentes nos discursos do sujeito político para a validação do público que representa.

Selecionamos alguns excertos das palestras de Helena Antipoff para empreendemos o exercício da análise do discurso. O primeiro excerto selecionado corresponde a palestra de 1932 e o segundo excerto corresponde a palestra de 1934. Em ambos, encontramos regularidades nas referências aos menores desamparados:

Entre os desamparados, a sorte madrasta frequentemente junta mais de uma desgraça. Doenças, vícios, taras aparecem não raras vezes entre os mesmos indivíduos que, deixados a si mesmos, continuam, não só com a idade a agravar seu estado miserável, mas tendem a espalhar os seus defeitos, cultivando-os entre companheiros de acaso, como num caldo propício de cultura. (ANTIPOFF, 1992a, p.30.)

Maltrapilhos, sujos, imundos nos seus trajes de miséria, mais imundos ainda em contraste com tanto luxo de um lado e de tanta beleza natural que Belo Horizonte apresenta, os pequenos vendedores de jomais da Capital Mineira são uma chaga aberta e purulenta. Este estado de coisas fere tanto o preceito da higiene e de moral como de estética. (...) Movido pelo simples sentimento de compaixão como pela convicção mais racional, o povo de Belo Horizonte tem que se decidir a melhorar a sorte desta infância, hoje apenas miserável, amanhã miserável, revoltada e perigosa. (ANTIPOFF, 1992b, p.154)

Nos dois excertos acima, constatamos uma argumentação com o objetivo de denúncia de caráter diagnóstica ao povo e autoridades de Belo Horizonte, estratégia primordial na constituição dos discursos políticos. Ao apresentar os menores como “maltrapilhos, sujos, imundos nos seus trajes de misérias”; “chaga aberta e purulenta”; portadores de “doenças, vícios, taras”; estado que “fere tanto o preceito da higiene e de moral como de estética”; “infância, hoje apenas miserável, amanhã miserável, revoltada e perigosa”, identificamos uma formação discursiva higienista. O higienismo “relacionou-se a um campo amplo de intervenção, vinculando-se à

necessidade de mudanças de hábitos relativos ao tratamento do corpo (de mulheres, homens e crianças) e dos espaços (cidade, moradia, escola, instituições)” (VEIGA e FARIA FILHO, 1999, p.34). O movimento que começou a ganhar força na segunda metade do século XIX, teria como objetivo “não só produzir novos hábitos e comportamentos nas populações, mas também controlar as atividades perigosas à vida social. Difunde-se nessa época uma ideia de que as disposições morais das pessoas são condicionadas pelas circunstâncias físicas.” (VEIGA e FARIA FILHO, 1999, p.34). Sendo assim, o movimento que já era consolidado no momento histórico da produção dos discursos políticos de Helena Antipoff, aparece como formação discursiva na representação dos sujeitos em questão. Os menores desamparados, representam um perigo à propriedade privada, pois fazem das ruas um local de constituição da sua existência. Esses menores que aparecem no discurso de Helena Antipoff são identificados como desamparados, pois estão longe da família e sem o apoio do Estado, que deveria garantir o direito à educação dos mesmos em uma escola. Eles ganham a existência nos discursos de Helena Antipoff, pela condição que se encontram. Em *A Vida dos Homens Infames*, Foucault (2003) chama a atenção para o aparecimento de sujeitos excluídos socialmente na história. Segundo ele, utilizando a denominação personagens, “o que as arranca da noite em que elas teriam podido, e talvez sempre devido permanecer é o encontro com o poder: sem esse choque, nenhuma palavra, sem dúvida, estaria mais ali para lembrar seu fugidio trajeto.” (FOUCAULT, 2003, p.207).

Segundo Charaudeau (2018), na constituição do discurso, “trata-se, para o político que argumenta, de propor um raciocínio causal simples, apoiando-se em crenças fortes supostamente partilhadas por todos, e de reforçá-las, apresentando argumentos destinados a produzir um efeito de prova” (CHARAUDEAU, 2018, p.101). Helena Antipoff, expõe a situação dos menores desamparados de uma forma simples e ao caracterizá-los em condições precárias de miséria, ressalta o contraste da situação perante “tanto luxo de um lado e de tanta beleza natural que Belo Horizonte apresenta”. Ela deixa emergir em seu discurso, valores como a higiene, a moral e a ordem do espaço público, tão caros à elite da recém-criada capital mineira. A denúncia da situação dos menores desamparados que representavam um perigo à vida social e a propriedade privada, correspondem principalmente a uma questão relacionada às elites⁸, grupo social que os discursos de Helena Antipoff se direcionavam. Era no meio das elites que

⁸ Veiga e Faria Filho (1999) ressaltam que o movimento higienista foi domínio, portanto, “da articulação entre os campos biológico, político e social marcando efetivamente as intervenções que as elites fizeram na sociedade” (VEIGA e FARIA FILHO, 1999, p.36).



Seminário

Educação e Formação Humana: desafios do tempo presente | III Simpósio Educação, Formação e Trabalho

Helena Antipoff garantiria recursos para a concretização dos projetos de construção e manutenção das instituições educativas. Sendo assim, mediante a denúncia de caráter diagnóstica era necessária uma intervenção, uma solução para o problema apresentado.

Na estrutura das suas palestras, Helena Antipoff apresenta argumentos de solução para a situação dos menores desamparados. Essa é uma questão que Charaudeau (2018) chama atenção ao afirmar a postura do discurso político frente a desordem social, propondo, para isso, “a solução salvadora” que “consiste em propor medidas que deveriam reparar o mal existente” (CHARAUDEAU, 2018, p.91). A solução apresentada por Helena Antipoff seria a criação de instituições educativas que valorizassem principalmente a educação pelo trabalho para cuidar da inserção social.

Nos excertos das fontes aqui analisadas, podemos também observar a presença da estratégia discursiva da solução salvadora. No texto da palestra de 1932, denominada “*Amparo ao pequeno jornaleiro*”, Helena Antipoff apresenta a instituição do Pavilhão de Natal como “uma moradia de paz, de beleza num meio que os torne melhores em todos os sentidos, isto é, sadios, inteligentes, amigos um dos outros, úteis a Pátria e agradáveis a Deus” (ANTIPOFF, 1992a, p.31). Após a caracterização, ela apresenta sistema educacional como uma proposta diferente das que são usadas nas escolas da época e o assemelha a um projeto de república infantil. Para reforçar a diferença do sistema educacional é colocada a seguinte indagação: “como poderá esse regime democrático ser aplicado a nossa instituição e, como os moradores do Pavilhão de Natal poderão governar a si mesmos, dispensando professores, mestres e guardas em harmonia e respeito mútuo?” (ANTIPOFF, 1992a, p.32). Para o sucesso do sistema, foi citado no texto os princípios do escotismo propostos por Baden Powell no que tange a necessidade da figura de um assistente como peça fundamental na orientação dos educandos:

O Assistente será então o auxiliar de toda a hora, mantendo nas crianças as aspirações da ordem, da abnegação, do trabalho, lembrando-se sempre que pouco vale o programa de proibição. Compreenderá que as falhas não se modificarão com sermões enfadonhos, nem os erros com castigos e humilhações, mas habituar os meninos a viverem numa coletividade livre e responsável pelo seu próprio bem, no julgamento aberto, que cada um deles é obrigado a ter sobre os assuntos da coletividade. (ANTIPOFF, 1992a, p.34)

O trabalho é o centro das ações educativas e também é apresentado por Helena Antipoff como um caminho futuro a ser trilhado. No texto, é apresentado atividades a serem desenvolvidas em oficinas de aprendiz. Essas atividades seriam de cunho educativo e deveriam contribuir para a manutenção da própria instituição. Ao mencionar os trabalhos que seriam realizados, Helena Antipoff destaca que “também garantiriam um certo lucro, indispensável a uma instituição que



Seminário

Educação e Formação Humana: desafios do tempo presente | III Simpósio Educação, Formação e Trabalho

deseja viver de seu trabalho, dependendo cada vez menos da caridade pública e dos subsídios do governo. Além disso, encaminhará os mais habilidosos na profissão futura” (ANTIPOFF, 1992a, p.35). Ao final da palestra, ela reforça a solução apresentada como forma de amparar os desamparados ao dizer:

A Associação de Assistência ao Pequeno Jornaleiro com o auxílio dos Escoteiros, da Sociedade Pestalozzi, com o apoio da sociedade, na qual contamos com muitos amigos e com a boa vontade do governo, começará o trabalho e se esforçará para que sua experiência não só possa ajudar os pequenos operários por ela amparado, como também, pelo seu exemplo, possa suscitar o interesse pela educação de toda criança desamparada, em qualquer lugar que ela esteja. (ANTIPOFF, 1992a, p.37)

No texto da palestra de 1934, denominada “*Assistência aos menores desamparados, trabalhadores de rua*”, a estratégia salvadora é apresentada como forma de prevenção ao diagnóstico que constitui a denúncia:

Para prevenir a consequência fatal dessa profissão da rua e da promiscuidade em que se acham os menores, por enquanto sadios e sem vícios, é mister opor quanto mais cedo a influência de uma ação benéfica. A assistência que se fará ao menor trabalhador da rua, aos vendedores de jornais em particular, será de grande repercussão sobre seu futuro. A profilaxia atingirá não só sua saúde e desenvolvimento psíquico, prevenindo o raquitismo, a tuberculose, a sífilis, o esgotamento geral, como também visará a saúde moral e a capacidade de trabalho lícito. Senhores, a assistência, material e educacional, se impõe como medida urgente. (ANTIPOFF, 1992b, p.153)

Ao empreendermos a análise do discurso dos excertos citados, a apresentação de uma solução salvadora destaca mais uma vez a formação discursiva do higienismo ao propor a organização do espaço da instituição que estava sendo lançada como “uma moradia de paz, de beleza num meio que os torne melhores em todos os sentidos, isto é, sadios, inteligentes”. O cuidado com o meio é destacado como preceito básico de influência na formação dos sujeitos. A criação de instituições educativas é apresentada como reparação e medida preventiva na lógica higienista como se vê no trecho, “a profilaxia atingirá não só sua saúde e desenvolvimento psíquico, prevenindo o raquitismo, a tuberculose, a sífilis, o esgotamento geral, como também visará a saúde moral e a capacidade de trabalho lícito.”

Um ponto a ser destacado é a importância de uma educação voltada para o trabalho, um dos pilares defendidos pelo Movimento Escola Nova. Nos dizeres “mantendo nas crianças as aspirações da ordem, da abnegação, do trabalho” e “além disso, encaminhará os mais habilidosos na profissão futura”, demonstram o trabalho como um valor partilhado importante pelo grupo a qual o discurso é direcionado e como um horizonte de expectativa possível de ser



Seminário

Educação e Formação Humana: desafios do tempo presente | III Simpósio Educação, Formação e Trabalho

executado para reinserção social no contexto republicano. O repertório republicano nacionalista, emerge ao propor como principal finalidade da educação, a formação de cidadãos “úteis a Pátria”, que deverão ser habituados “a viverem numa coletividade livre e responsável pelo seu próprio bem, no julgamento aberto, que cada um deles é obrigado a ter sobre os assuntos da coletividade”. Fonseca (1993) afirma, que no momento histórico em questão, que houve a preocupação com a formação de “um “novo homem” e de uma “nova raça” que, aliada aos princípios da eugenia e ao ideal de valorização do trabalho, irão alimentar a ênfase na criança como futuro cidadão/trabalhador” (FONSECA, 1993. p.99). Tal preocupação se insere “como um suporte e ideal mais amplo do nacionalismo, marcando as propostas do governo no setor da saúde” (FONSECA, 1993. P.99). A autora destaca a política como parte do setor da saúde. Contudo, é importante situar as ações do período estudado na organização administrativa estatal, que reunia os assuntos da saúde e da educação no Ministério da Educação e Saúde Pública.

Na perspectiva escolanovista, o destaque está no aluno ativo e que exerce o governo de si. Nos dizeres “como poderá esse regime democrático ser aplicado a nossa instituição e, como os moradores do Pavilhão de Natal poderão governar a si mesmos, dispensando professores, mestres e guardas em harmonia e respeito mútuo?”, demonstra um elemento constitutivo importante do ser ideal que deveria ser alcançado pela formação. Coutinho e Sommer (2011) nos mostra que:

Consideramos que a lógica da educação como arte de governar foi se desenvolvendo junto ao deslocamento da ênfase na disciplina (educação rígida, coercitiva e puramente instrucional, chamada pelos autores escolanovistas de educação tradicional) para a ênfase no governo do ser por si (educação cujo centro é a própria criança, considerando-a em suas formas de pensamento e aprendizagem, chamada pelos autores escolanovistas de educação nova). Nesse sentido, as teorizações escolanovistas, de modo geral, podem ser lidas e entendidas como defendendo a ideia de que o governo dos sujeitos, quando operado de forma exterior, seja desbloqueado, por meio da formação de alunos ativos, que se movimentam a partir de seus interesses e que, se assim educados – porque educáveis –, são capazes do governo de si mesmos, consolidando a educação como arte de governar. (COUTINHO, K.; SOMMER, L. H., 2011, p.89.)

Nesse sentido da educação como arte de governar, também enfatizamos a educação como forma de amparar os desamparados. No trecho que Helena Antipoff cita as instituições presentes, ela afirma que “começará o trabalho e se esforçará para que sua experiência não só possa ajudar os pequenos operários por ela amparado, como também, pelo seu exemplo, possa suscitar o interesse pela educação de toda criança desamparada, em qualquer lugar que ela

esteja”. Assim, a educação profissional tem o efeito de sentido de amparo, salvação dos menores e caminho para o exercício da cidadania no contexto republicano.

4. Considerações Finais

Mediante os objetivos aqui propostos, buscamos por meio da análise do discurso político destacar a dimensão política da atuação de Helena Antipoff por meio de seus discursos. Identificamos que na constituição de sua identidade como sujeito político, ela apresentou elementos como legitimidade, credibilidade e autoridade, importantes critérios de validação que possibilitaram sua atuação no campo político. No dispositivo político, os discursos aqui analisados representaram a instância cidadã no contexto de uma cultura política republicana, recortando o período estudado da década de 1930.

Como representante de um grupo, Helena Antipoff atuou na defesa de valores como o direito à educação, principalmente uma educação para o trabalho, e a ciência na cultura política republicana da época. As formações discursivas do higienismo, do Movimento Escola Nova e o repertório republicano emergem em seus dizeres, como vozes e elementos da configuração social, política, econômica e científica do período estudados.

Os efeitos de sentido rastreados de menores desamparados estão relacionados ao problema do desamparo da família e do Estado, do perigo à vida social e a propriedade privada. A Educação Profissional se apresenta como a solução salvadora que ampara, regenera, um caminho para formação de um cidadão útil à Pátria. Conscientes que dentro da Análise do Discurso as possibilidades são muitas, apresentamos aqui um caminho e possíveis considerações no intuito de incentivar a análise dos discursos políticos que tem grande impacto na área da educação.

5. Referências

ANTIPOFF, H. (1932) Amparo ao pequeno jornaleiro. In: CDPHA – Centro de Documentação Helena Antipoff (org.) **Coletânea de obras escritas de Helena Antipoff, Volume 2: Fundamentos da Educação**. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1992 a, p.29-37.

ANTIPOFF, H. (1934). Assistência aos menores desamparados, trabalhadores da rua”. In: CDPHA – Centro de Documentação Helena Antipoff (org.) **Coletânea de obras escritas de Helena Antipoff, Volume 2: Fundamentos da Educação**. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1992 b, p.147-154.

BERSTEIN, Serge. A Cultura Política. In: RIOUX & SIRINELLI (Org.) **Para uma história cultural**. Lisboa: Editorial Estampa, 1998. P.349-363.

BORGES, Adriana Araujo Pereira. **Entre tratar e educar os excepcionais: Helena Antipoff e a Psicologia da Sociedade Pestalozzi de Minas Gerais (1932-1942)**’ 07/02/2014 348 f. Doutorado em EDUCAÇÃO Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS

GERAIS, Belo Horizonte Biblioteca Depositária: Biblioteca da Faculdade de Educação.

BRANDÃO, H. H. N. **Introdução à análise do discurso**. 2. ed. rev. Campinas-SP: Editora da Unicamp, 2004.

CAMPOS, R. H. F. **Helena Antipoff**. Coleção Educadores MEC. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, 2010.

CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso político**, São Paulo: Contexto, 2018.

COUTINHO, K.; SOMMER, L. H. Discursos de sobre Formação de Professores. In: **Currículo Sem Fronteiras**. v. 11, n. 1, p.86-103, jan./jun., 2011. Disponível em: <https://www.curriculosemfronteiras.org/vol11iss1articles/coutinho-sommer.pdf> . Acesso em 20 de setembro de 2022.

FONSECA, Cristina M. Oliveira. A saúde da criança na Política Social do Primeiro Governo de Vargas. **PHYSIS: Revista de saúde coletiva**, Rio de Janeiro, vol.3, n.2, 1993, p.97-116).

FOUCAULT, Michel. – A vida dos homens infames. In: FOUCAULT, M.; – **Ditos e Escritos IV: Estratégia, Poder e Saber**. 1ª ed. Rio de Janeiro:Forense Universitária, 2003. p.203-222.

GONÇALVES, Irlen Antônio. Chaves de leitura para a análise do discurso político sobre Educação e Educação Profissional. **História Revista (UFG)** , v. 25, p. 203-223, 2020.

ORLANDI, E. P. **Análise do discurso: princípios e procedimentos**. 8ª Ed, Campinas, SP: Pontes, 2009.

PEIXOTO, A. C. **A Reforma Educacional Francisco Campos: Minas Gerais – Governo Presidente Antônio Carlos**. 1981. Dissertação (Mestrado em Educação). Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1981.

RAFANTE, H. C.; LOPES, R. E. Helena Antipoff e a educação dos “excepcionais”: uma análise do trabalho como princípio educativo. **Revista HISTEDBR On-line**, Campinas, SP, v. 9, n. 33, p. 228–252, 2012. DOI: 10.20396/rho.v9i33.8639565. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/histedbr/article/view/8639565> . Acesso em: 13 setembro. 2022.

REIS, J. R. F. **Higiene mental e eugenia: o projeto de “regeneração nacional” da liga brasileira de higiene mental (1920-1930)**. Dissertação (Mestrado em História) Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, Brasil, 1994.

SILVA, W. **Por uma história sócio cultural do abandono e da delinquência de menores em Belo Horizonte 1921 1941**. (Tese) Doutorado em Educação, Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, Brasil, 2007.

VEIGA, Cynthia Greive e FARIA FILHO, Luciano Mendes de. **Infância no sótão**. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.